



Entrevista escrita

Maristela Mosca – Diretora do NEI-CAP/UFRN, Presidente do CONDICAP

1) Em sua experiência como educadora, o que é um colégio de aplicação?

Se formos para a Portaria Ministerial que nos regulamenta, vemos claramente que o Colégio de Aplicação é uma Escola de Educação Básica vinculada a uma IFE e que desenvolve, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente.

Em minha experiência como educadora, tais eixos movem as práticas cotidianas, as construções metodológicas e teóricas, bem como o desenvolvimento de toda a prática educativa dos CAP. Vejo como um laboratório de saberes, onde emergem as concepções teórico metodológicas contemporâneas, no que tange a educação de crianças, jovens e adultos – no trabalho cotidiano em diferentes segmentos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, bem como na Educação de Jovens e Adultos. Esse é o primeiro compromisso do CAP, oferecer uma educação básica de qualidade, gratuita, laica, inclusiva e, especialmente, emancipadora. Com adultos, nosso foco é a formação docente, inicial e em exercício.

A formação, que denominamos inicial, mesmo sabendo que ao entrar na Universidade, o jovem/adulto já carrega sua bagagem formativa, nos cursos de licenciatura e bacharelado, se dá como campo privilegiado de estágio supervisionado, além do atendimento a bolsistas e investigadores na graduação. Já no exercício de formação docente em exercício, temos diferentes modalidades, que vão de projetos de extensão formativos, eventos nacionais para compartilhamento de saberes e trocas de experiências, cursos de aperfeiçoamento e especialização, bem como mestrado e doutorado, tendo o docente da escola pública nosso público-alvo.

Mas, mais que seu papel na ambiência acadêmica e na sociedade, em minha experiência pessoal, o CAP se mostra um lugar de acolhimento, de desbravamento e de

possibilidade formativa. Um lugar onde nós, docentes, podemos exercer uma prática emancipadora, que não se curva a cultura escolar hegemônica e mercadológica, que prova, a cada ação, que uma escola de educação básica pública, de qualidade, é possível.

2) Como você caracterizaria as especificidades de um colégio que precisa lidar com ensino, pesquisa, extensão e administração?

As especificidades de um CAp atravessam todas as ações que nós, servidores e técnicos administrativos devemos assumir. Uma escola de educação básica que não se limita ao ensino e tem, junto ao organismo da IFE, atividades de pesquisa, extensão e administração. Nesse sentido, o chamamento para a nossa própria formação é muito intensa, vejo aí a maior característica de todos nós, que fazemos o CAp.

Se formar não significa apreender técnicas e teorias que possam ser utilizadas, mas é compreender, primeiramente, o contexto em que cada CAp está inserido, o público-alvo atendido, suas necessidades e, acima de tudo, suas particularidades, que podem trazer avanços para a comunidade. Quando fazemos parte de uma escola da rede (municipal ou estadual), temos uma comunidade que se caracteriza a partir da localização da escola, do contexto próprio do lugar, das culturas. Já no CAp, recebemos um público diverso, já que nossos alunos chegam de diferentes regiões da cidade, inclusive da região metropolitana constituindo, assim, uma comunidade própria, além do território geográfico. Uma comunidade diversa e que necessita ser compreendida, respeitada e legitimada. Assim se inicia o processo de formação, e é aquele que desejamos compartilhar em nossa missão de formação docente.

3) Como seria um CAp com as condições ideais de trabalho?

Condições ideais de trabalho é um conceito de amplo escopo e subjetivo. Afinal, para alguns pode ser o espaço físico, para outros mais docentes, enquanto ainda para outros poderia ser, por exemplo, acesso a materiais.

Enfim, as condições ideais de trabalho não se mensuram de forma simplista, com objetos ou pessoas, mas sim pela conquista de um organismo favorável de trabalho, de partilha e, especialmente, de abertura ao novo. As questões orçamentárias têm maltratado os CAp, assim como todas as IFES o que, por muitas vezes, se tornam barreiras para o exercício de uma educação de qualidade. Mas penso que as condições

ideais de trabalho são conquistadas nas lutas diárias – uma luta política pela manutenção da autonomia conquistada pelas IFES, no exercício de uma educação emancipadora. Todas as vezes em que os CAP conseguem exercer seu papel como laboratório de práticas pedagógicas inovadoras, de formação docente e de práticas emancipatórias nos processos de ensino e aprendizagem, mesmo que em tempos difíceis, conseguimos avançar para a conquista das condições ideais de trabalho.

4) Quais são as potencialidades e as fragilidades dos CAP em geral?

Vejo que a maior potência dos CAP é o exercício cotidiano de uma educação pública de qualidade. Temos a oportunidade, diária e coletivamente, de contribuir para uma educação que se pretende de vanguarda, emancipadora. Temos um corpo docente com formação pós-graduada, que coordena postos de pesquisa e extensão, atravessando as ações de ensino e (trans)formando a vida de milhares de crianças e jovens pelo Brasil – de forma direta, em nossas escolas, e de forma indireta, nas ações de formação docente.

As fragilidades enfrentadas advêm, em parte, da forma positiva e transformadora como incidimos em milhares de vidas e escolas. Os ataques acontecem, especialmente nesse momento em que forças tradicionais que desejam imprimir uma educação para o trabalho, uma educação dentro de moldes conservadores e mercadológicos – as quais enfrentamos bravamente, diariamente. Também o “não lugar” imposto por algumas instâncias superiores é uma fragilidade dos CAP. Ainda lutamos para sermos legitimados como a escola de educação básica vinculada a IFE e, dessa forma, com direitos e deveres, como uma unidade vinculada a Universidade Federal.

5) Neste tempo em que a Sra. esteve à frente do Condicap, quais avanços puderam ser alcançados por este coletivo, e quais desafios ainda persistem?

O que gostaria de destacar, primeiramente, é que não estive à frente do CONDICAP sozinha. O coletivo do qual faço parte, a Diretoria do CONDICAP, provocou avanços no papel do Conselho, frente aos CAP e em diferentes instâncias – que vão das Reitorias das IFES ao Ministério da Educação/MEC.

Sentar à mesa, em diferentes oportunidades, talvez tenha sido a maior conquista do conselho. Participar de discussões, compor mesas de trabalho, comissões

permanentes, foi um conjunto de ações que viemos avançando no decorrer desses últimos quatro anos.

Em relação aos desafios, o maior ainda é a questão orçamentária. A Matriz 20RI, que é a dotação orçamentária que seria responsável pela manutenção dos CAp, é insuficiente, não alcançando minimamente as necessidades das escolas em relação a sua manutenção física, de aquisição de materiais, de contratação de pessoal e de ampliação.

6) Podemos dizer que o Condicap hoje é um conselho fortalecido? Por que?

Sim. Porque nos movemos coletivamente para um mesmo objetivo: fortalecer os CAp enquanto escolas de educação básica de referência nacional.

7) Na sua avaliação, quais são as perspectivas de curto, médio e longo prazos em relação às possibilidades de melhora das condições de trabalho nos CAp?

A curto prazo, vemos que pouco o cenário irá mudar. As questões orçamentárias não são passíveis de alteração a curto prazo e ainda precisamos avançar muito na luta por melhores condições orçamentárias.

A médio prazo vemos perspectivas de mudança legislativa, que nos debruçamos para alcançar e, dessa forma, termos acesso a programas nacionais de desenvolvimento da educação básica, da qual fazemos parte.

Já a longo prazo vejo o fortalecimento dos CAp, ampliação física e estrutural das unidades em funcionamento e, quiçá, que todas as IFES tenham um CAp, fortalecendo, dessa forma, essa rede de educação básica – com foco na inovação pedagógica e formação docente.

8) Há alguma mensagem que gostaria de deixar aos leitores?

Não é lugar comum nos inspirarmos no Patrono da Educação Brasileira, ao afirmar que a luta se faz na esperança e que devemos esperar na luta. Os Colégios de Aplicação são inspiração para uma educação libertadora, para a construção do pensamento crítico e, especialmente de transformação da sociedade.

Pensar em educação pública é pensar em equidade, em acessibilidade, em inclusão e, especialmente, em diversidade. É com esse pensamento que nós “capianos”, seguimos nessa luta esperançada.